

FORMAÇÃO, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: ANFOPE É VIDA!

TRAINING, MEMORIES AND EXPERIENCES: ANFOPE it's life!

ENTRENAMIENTO, MEMORIAS Y EXPERIENCIAS: ANFOPE ¡la vida!

Ana Rosa Peixoto de Brito*

RESUMO

Este texto traz o relato da experiência pessoal e acadêmica da autora sobre sua vivência na Anfope, em que entrelaça sua vida acadêmica com a trajetória da entidade, destacando o aspecto formativo da militância. O texto é um relato narrativo, que pode ser alinhado à história de vida, e recorre à memória e aos documentos da entidade, sem o compromisso de atender aos ditames dos trabalhos acadêmicos. A *vida* é o fio condutor da narrativa e nesta dinâmica de vida em que se tece uma articulação com o conhecimento teórico e a prática vivenciada nos espaços de formação, mantendo a perspectiva dos movimentos sociais, é que a autora relata as lutas anfopeanas ao longo de quase quatro décadas de ações em defesa dos profissionais da educação, sua formação e valorização.

PALAVRAS-CHAVE: Anfope; formação de professores; experiência formativa; trajetória profissional; entidades representativas.

ABSTRACT

This text brings the report of the author's personal and academic experience about her experience in Anfope, in which she intertwine her academic life with the trajectory of the entity, highlighting the formative aspect of militancy. The text is a narrative account, which can be aligned with the life story, and uses the memory and documents of the entity, without the commitment to attend to the dictates of academic works. Life is the guiding thread of the narrative and in this dynamic of life in which an articulation with the theoretical knowledge and the practice experienced in the spaces of formation, maintaining the perspective of social movements, is that the author reports the trajectory in Anfope along nearly four decades of actions in defense of education professionals, their training and appreciation

KEYWORDS: Anfope; teacher training; formative experience; professional trajectory; representative entities.

RESUMEN

Este texto trae el informe de la experiencia personal y académica de la autora sobre su experiencia en Anfope, en el que entrelaza su vida académica con la trayectoria de la entidad, destacando el aspecto formativo de la militancia. El texto es un relato narrativo, que se puede alinear con la historia de la vida, y utiliza la memoria y los documentos de la entidad, sin el compromiso de atender los dictados de las obras académicas. La vida es el hilo conductor de la narrativa y en esta dinámica de vida en la ocurre una articulación con los conocimientos teóricos y la práctica experimentada en los espacios de formación, manteniendo la perspectiva de los movimientos sociales, es que la autora expone las luchas anphopeanas a lo largo casi cuatro décadas de acciones en defensa de los profesionales de la educación, su formación y apreciación

PALABRAS-CLAVE: Anfope formación del profesorado; experiencia formativa; trayectoria profesional; entidades representativas

Este texto trae el informe de la experiencia personal y académica de la autora sobre su experiencia en Anfope, en el que entrelaza su vida académica con la trayectoria de la entidad, destacando el aspecto formativo de la militancia. El texto es un relato narrativo, que se puede alinear con la historia de la vida y utiliza la memoria y los documentos de la entidad, sin el compromiso de atender los dictados de las obras académicas. La vida es el hilo conductor de la narrativa y, en esta dinámica de vida, en la ocurre una articulación entre los conocimientos teóricos y la práctica experimentada en los espacios de formación, manteniendo la perspectiva de los movimientos sociales, es que la autora expone las luchas Amphopeanas a lo largo de casi cuatro décadas de acciones en defensa de los profesionales de la educación, su formación y apreciación

Porque entendo que *Anfope é vida*

Para justificar essa afirmação, me proponho a sequenciar perguntas e respostas que darão sentido à ideia central da vida que a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação - Anfope nos traz. Desta feita, optei por um relato de cunho narrativo, em perspectiva livre, sem o compromisso de seguir os passos indicados pelos teóricos da pesquisa qualitativa. Trata-se, portanto, do registro de um segmento da história da Educação Brasileira na visão de quem teve as vidas pessoal e acadêmica entrelaçadas à trajetória da Anfope. As perguntas que norteiam essa narrativa são: como ocorreu a minha aproximação com a Anfope; como se desenhou a trajetória; eventos relevantes no período em que estive na presidência da instituição; importância especial na minha vida e na de outros educadores brasileiros

Sendo *a vida* o fio condutor desta narrativa, início apontando os componentes desse fio no contexto anfopeano, vida esta, traçada pela crença de que o conhecimento por si só não basta, faz-se imprescindível colocá-lo a serviço da sociedade. No caso, a serviço das relações do ato educativo em todos os espaços onde se processa o ensino formal e não formal, especialmente em nossas organizações profissionais de cunho acadêmico ou sindical. Nesses espaços e tempos, onde também se discute e encaminha a formação do profissional educador comprometido com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, nesta dinâmica de vida em que se tece uma articulação com o conhecimento teórico e a prática vivenciada nos espaços de formação e na perspectiva dos movimentos sociais, é que entendo a afirmação e reafirmação permanente da luta anfopeana neste caminho de quase quatro décadas de ações vivificadas em favor do educador e de sua formação com qualidade socialmente referenciada.

Minha aproximação com a formação e a militância nas associações

Entendo que esse engajamento tenha sido um construto associado ao sentido do compromisso com a vida, com a interação pedagógica, com o sentido real da aproximação com o magistério, como forma de interagir com o conhecimento, com o ensinar e aprender, com o sentido político e social da educação. Com esse entendimento, talvez meu envolvimento com a Anfope viesse sendo tramado desde muito antes de eu ter consciência das funções que eu viria a desempenhar profissionalmente.

Sou filha de uma professora que tem cinco dos seus oito filhos, trabalhando com a arte de ensinar. Nasci e cresci vendo minha mãe lecionando. Aos 13 anos de idade comecei a ensinar também as primeiras letras em uma Escolinha que funcionava em nossa casa e onde todos os irmãos que tinham aptidões começaram a trabalhar. Não obstante, cursei o Pedagógico, o antigo Normal em nível Médio, e de pronto no ensino Superior fiz Licenciatura Plena em Pedagogia, habilitação em Orientação Educacional e em seguida Supervisão Escolar.

Desde os tempos de colegial, sempre participei de ações culturais, grêmios e representações, enfim, vivia a escola. Por arroubos da “sorte”, no período de 1963 a 1970, fiz o curso ginasial e o Pedagógico, em um colégio de freiras, só para meninas, onde embora pudéssemos ter sido “engessadas” pelo período da ditadura militar, tivemos excelentes professores que nos alertaam sobre a real condição do Brasil, nos preparando para os anos de chumbo: ‘Quem quis entendeu e aprendeu muito bem’.

Na faculdade, não foi tão diferente, e já como profissional¹ e estudante universitária, interagi com os grupos de estudos e os primeiros movimentos estudantis que se organizavam, motivados pela indignação com a situação da política nacional. Assim, nas proximidades de concluir a primeira habilitação do curso de Pedagogia, já estava associada e participando dos movimentos² da Associação de Orientadores Educacionais do Pará – Aoepa e, logo em seguida, da Associação de Supervisores Escolares do Pará – Aseep, criada em 1976, onde, posteriormente, fui eleita presidente. Na presidência da ASEEP, função que assumi por dois mandatos, de 1981 a 1985, pude ampliar minha formação política ao preparar grupos de estudos, organizar eventos locais e participar com as delegações estaduais dos Encontros Nacionais de Orientadores e Supervisores Educacionais³.

A questão da formação dos profissionais da educação sempre me inquietou. A formação do pedagogo se assentava no Parecer 252/1969 que indicava uma formação de técnicos em habilitações de Orientador Educacional-OE, Supervisor Escolar-SE e Administrador Escolar-AE (BRASIL, 1969). As associações que não focavam apenas nas ações sociais ou meramente profissionais, vão internamente, estruturando seus embates ideológicos. No tocante a supervisão, havia o questionamento de sua função na escola, ampliando seu papel educacional, buscando redefinir sua prática pedagógica, pleiteando, a exemplo dos orientadores uma regulamentação profissional, mas de forma concomitante. Nesse sentido, pretendia-se uma nova atuação nas instituições, onde o trabalho do supervisor não fosse de controle de ações emanadas do sistema educacional e sim, de construção coletiva de um projeto político pedagógico. Com o movimento de educadores se ordenando, o Conselho Federal de Educação – CFE emite pareceres⁴ que fortaleciam a formação básica do docente/professor, em nível de graduação, entretanto, de outra forma, reforçavam a formação do técnico especialista OE, SE e AE em nível de especialização *lato sensu*.

Ressalto que faço tal referência legislativa, , por entender que daí emergem significativas reflexões quanto à Formação do Educador, suscitando debates locais e nacionais nas atividades das associações de educadores/professores. No final da década de 70, já podíamos sentir a saturação dos ditames de um governo autoritário, mas, nos anos 80, a sociedade civil brasileira busca sua reordenação

¹ Professora primária concursada pela Secretaria de Educação do Estado – Seduc.

² A década de 1970 foi marcada pelas ações das associações de profissionais, que se organizavam em estruturas de atendimento social, recreativo, tendo em o impedimento legal para a criação de organizações sindicais.

³ Na Aseep participei ativamente dos oito Enses - Encontros Nacionais de Supervisores Escolares e do I e II Congresso Nacional da FENASE (Federação Nacional das Associações dos Supervisores Escolares) até que ocorreu a unificação nacional das categorias, com a criação da CNTE, em 1990.

⁴ Indicações de números 67 e 68/1975 e 70 e 71/1976, de autoria do professor Valnir Chagas.

de cunho, social, político e econômico e os educadores se fortalecem também, na luta pela constituinte e no sonho de uma nova Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDBEN que superasse o tecnicismo marcante da 5692/71.

No decorrer da década de 80, por meio de concurso público, assumi o Ensino Público Superior no então Centro de Educação da Universidade Federal do Pará – UFPA. Toda experiência de OE e SE, o trabalho também de docência superior em faculdade privada e as experiências dos movimentos de educadores me davam um respaldo ainda maior para assumir o novo desafio profissional. Já trazia o conhecimento do Comitê Pró-Formação do Educador, pois a UFPA tinha uma representante que também era associada da ASEEP. Em nossas reuniões os encaminhamentos do Comitê eram socializados. Estudamos os resultados dos Seminários Regionais, organizados pela Secretaria de Ensino Superior do MEC, sobre a reformulação dos cursos de preparação de recursos humanos da educação, ocorrida em 1981 e publicada em 1982 na perspectiva da realização do Seminário Nacional em 1983. As associações de OE e SE participaram dos debates e discussões, sendo que a expectativa centrava-se no curso de pedagogia. Como ficariam as habilitações tão questionadas?

E a ANFOPE? O resultado do Seminário Nacional impôs uma nova dinâmica aos embates de cunho político/ideológico. Bravas companheiras, algumas militando até hoje na Anfope - organização que ainda estava por ser criada, numa atitude consciente de compreensão do momento político e das dificuldades em conciliar e implementar princípios que estavam sendo discutidos no momento sobre a formação e, sem chegar a um consenso, resolvem destituir o comando do MEC das discussões e assumem, em favor da educação e da formação do educador, a responsabilidade de acompanhar e dar continuidade aos debates. Assim foi criada a Conarcfe – Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador. Esta comissão, composta de acadêmicos reconhecidos pelo seu trabalho, deu novo rumo às discussões iniciadas pelo Comitê. De início a Conarcfe foi muito questionada quanto ao seu fazer e representação, mas gradativamente foi se delineando seu campo de estudos, aliando-se às Licenciaturas específicas, estudantes e associações de educadores preocupados com formação.

Por ter acompanhado como educadora e militante, com participação ativa em todo esse processo no Estado do Pará, certamente me sentia desafiada em participar da Conarcfe, pois esta representava uma nova organização nacional com estudos mais amplos sobre a formação do educador, em cuja base estava se formando a Anfope. Assim, entendo que desde 1983, com a constituição da Conarcfe, a concepção da Anfope se desenhou, embora só tenha vindo a receber esta denominação em 1990. Estive presente e atuante em todo esse processo que, em

certa medida, moldou minha atuação profissional e minha vida pessoal, pelas referências que passei a representar em ambas.

Desenhos de uma trajetória anfopeana

Os anos 80 foram marcantes pelas lutas em favor da redemocratização do Brasil, e neste contexto várias organizações sociais se mobilizaram para tal enfrentamento. As associações de professores, neste momento, tiveram uma atuação ímpar na busca pela reordenação social, política e econômica do nosso país. Mesmo organizadas enquanto associações essas entidades cumpriam uma função social e adentravam pelas discussões políticas, abrindo os caminhos para a estruturação sindical que só vem a ser concretizada com a promulgação da Carta Constitucional de 1988.

Como relatamos, a Conarcfe, ao tomar uma posição de enfrentamento em 1983, deixa o Comitê Pró-Formação, criado em decorrência do trabalho orientado pela SESU/MEC, e se constitui em uma Comissão autônoma, desatrelada do contexto oficial e assim passa a conduzir as discussões, debates e encaminhamentos quanto às políticas para formação do educador em geral (CONARCFE, 1983).

As discussões quanto à formação dos educadores ganhava espaço em todo Brasil e as Associações de Orientadores e Supervisores Educacionais, também, se encontravam no contexto das discussões, tentando garantir a existência, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, das Habilitações de OE e SE, que se encontravam sob ameaça de extinção com as proposta de reformulação dos cursos de formação via MEC. Coincidentemente, em 1983, eu estava na Presidência da Aseep e, como tal, coordenava o VI Encontro Nacional de Supervisores Educacionais em Belém-PA⁵.

O movimento social crescia em todo país, com o pleito pela abertura democrática, que passa a ser reivindicação constante nas passeatas e palavras de ordens. No movimento de educadores, grandes eventos locais e nacionais apontam para a busca de união dos profissionais da mesma área, e na necessidade de reordenação da organização das associações na perspectiva de uma representação mais forte: um sindicato. Neste contexto a CPB, Confederação de Professores do Brasil, propõe a união da ANPAE⁶, FENOE⁷, FENASE⁸ e dos professores e

⁵ Realizado entre 29.10 e 03.11.1983, com o tema ‘Repensando a Supervisão para uma ação educativo-democrática. Busca de uma ação renovada, clamor por mudanças nas políticas sociais.’

⁶ ANPAE - Associação Nacional de Profissionais de Administração Escolar.

⁷ FENOE - Federação Nacional dos Orientadores Educacionais.

funcionários de escolas em uma nova entidade: a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). A discussão tomou conta das entidades de OE e SE no final da década de 80 e, em janeiro de 1990, sob fortes embates foi criada a nova entidade, porém sem a participação da ANPAE. Uma nova diretoria deveria representar a entidade recém-criada, que representa a unificação nacional dos trabalhadores em educação, e para tal, foi organizada a Secretaria para Assuntos Educacionais. Instituída a primeira diretoria, ainda provisória, assumi por um ano os trabalhos/representação decorrentes desta reordenação, e depois fui eleita, em Congresso da CNTE, para mais um mandato de dois anos. A CNTE, enquanto sindicato, passa a tratar com mais força da carreira e condições de trabalho dos docentes e funcionários das escolas públicas da educação básica. Nesta perspectiva, a unificação, via CNTE, fortaleceu a luta dos profissionais da educação.

O ingresso no quadro docente, por concurso público de prova e títulos, do Centro de Educação da UFPA (1986) possibilitou-me ampliar ainda mais meu fazer acadêmico. Vinha com a experiência de todos os níveis de ensino, inclusive de ensino superior em uma faculdade de ensino privado⁹. Ao defrontar-me com a universidade pública novas perspectivas surgiram, além da docência, como os grupos de estudo, de pesquisa e, com maior fluidez, as representações dos movimentos sociais. Tudo isso passa a ter um sentido renovado em minha prática. A Aseep/Fenase e a Conarcfe tinham linhas convergentes de discussão e embates. E nas pautas, se faziam presentes assuntos como o fortalecimento dos movimentos e a perspectiva de uma nova política para a Formação dos educadores. Assim integrada, a Conarcfe participava das atividades coordenadas pelo Centro de Educação da UFPA nas mobilizações e eventos locais e nacionais.

Em 1990, a Conarcfe realiza o seu V Encontro Nacional em Belo Horizonte -MG e, no contexto de novas reordenações no País, deixa de ser comissão e se propõe em nova organização: a ANFOPE. A criação da Anfope – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação, em 26 de julho, em meio a acalorados debates no Instituto João Pinheiro, então espaço histórico dos eventos Conarcfe, foi um momento de celebração e a aclamação da nossa Anfope, sob a presidência do emérito Professor Luiz Carlos de Freitas¹⁰, em uma madrugada que faz parte de nossas gratas memórias¹¹.

⁸ FENASE - Federação Nacional das Associações de Supervisores Educacionais.

⁹ Lecionei nas Faculdades Integradas Colégio Moderno de 1980 a 1986, até o ingresso na UFPA.

¹⁰ Que assumiu a presidência da entidade recém-criada no biênio de 90 a 92 cuidando de sua estruturação, inserção nos movimentos sociais enquanto Associação e registros legais, efetivados em 1992 em seu VI Encontro Nacional.

¹¹ Um registro de emoção: testemunhamos sete anos (1983 a 1990) de uma construção partilhada defendendo princípios definidos na luta com consciência, mobilização e resistência. Destaque ao Prof.

Após a criação da CNTE, enquanto sindicato que assegurou a unificação nacional dos trabalhadores em educação, a Anfope se constitui como entidade de cunho acadêmico e passa a ser a referência quanto aos estudos, pesquisas e representatividade, no que concerne à política de formação dos Profissionais da Educação. Assim, a Anfope fortalece cada vez mais os embates pela formação inicial sem perder a perspectiva da carreira, condições de trabalho e formação continuada.

Com a transformação da Conarcfe em Anfope, segue-se uma nova organização que é estabelecida, em seu estatuto, quando são criadas as Coordenações Estaduais e cinco Coordenações Regionais. Os Centros de Educação/Faculdades se constituíram na base de inserção da Anfope nas unidades federadas, na perspectiva de ampliar as propostas, estudos, pesquisas e apoio aos eventos locais, regionais e nacionais. Assim, assumi a representação Estadual, Regional e Nacional em várias gestões, levando e divulgando os princípios anfopeanos aos espaços possíveis, onde se discute educação, tanto em salas de aulas, quanto em diferentes fóruns e eventos municipais, estaduais e nacionais que tratem da educação das políticas de formação do educador e suas condições de trabalho.

Na minha vida, toda essa trajetória se constrói na consciência da luta, desde os tempos de estudante no curso normal, na faculdade de educação e até hoje, pois esta tem invariavelmente um começo, mas não terá fim, ela é permanente em nosso espírito inquieto. Assim, considero que essa minha trajetória Conarcfe/Anfope, começa pela interação com os movimentos de educadores e se concretiza, pelo assumir, já na universidade, os grupos de trabalho da Conarcef que contribuíram para o Fórum em Defesa da Educação Pública na Constituinte (1987/88) e, a partir de 1989 o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública na LDB¹².

No início dos anos 90, com a criação das coordenações Estaduais da Anfope, a articulação no Pará se fez por iniciativa do Centro de Educação da Ufpa, que

Luiz Carlos de Freitas que coordenou a Conarcfe desde 1988 e soube articular seu 5º Encontro Nacional, presidindo a Assembleia final, com todos os embates, e fez com que chegássemos ao momento do registro histórico: Criação da ANFOPE - Belo Horizonte MG, madrugada (quase amanhecer) de 26.07.1990. Aclamamos de pé.

¹² O fórum foi criado inicialmente para articular a defesa da escola pública na elaboração da Carta Constitucional. Após sua promulgação em 1988, foi transformado em Fórum Nacional em Defesa da escola pública na LDB. A Conarcfe/Anfope, integrou este movimento que se firmou nacionalmente e em sua decorrência nas unidades federadas. No Estado do Pará, o fórum se articulou enquanto Fórum Paraense de Educação FPE, chegando a reunir 67 entidades, contribuindo e partilhando das lutas locais e nacionais.

buscou outras instituições em nível superior¹³, assim como a interação com os demais cursos de Licenciatura e dos alunos, por meio da representação estudantil. De início, não foi uma inserção fácil, mas conseguimos ampliar e fazer reconhecida a representação anfopeana.

Neste contexto, partilhamos enquanto Anfope, do Fórum Paraense de Educação, muito influente neste período, com discussões e contribuições por intermédio das suas representações, para a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, á época era em tramitação no Congresso Nacional (LDBN 9394/96), e também para a construção do Plano Nacional de Educação (2001-2010). Desta feita, pudemos inferir que como reflexo dessa trajetória¹⁴ e ao representar e divulgar o pensamento anfopiano, considerando seus princípios¹⁵, contribuimos para as lutas maiores em prol da sociedade.

Anfope é trabalho, isto é, compromisso permanente em qualquer função assumida, assim contribuimos no grupo de elaboração dos documentos geradores que subsidiam os estudos e re-encaminhamentos finais nos Encontros Nacionais e com a representação da entidade onde se fez possível e necessário.

Alguns momentos relevantes na presidência da Anfope.

Por dois mandatos consecutivos, gestão de 2004 a 2008, a Anfope teve na presidência a Professora Helena Costa Lopes de Freitas, e eu ocupava a função de vice-presidente. Entretanto, no início de 2008, as demandas do MEC via Capes solicitaram os trabalhos da Professora Helena em ações importantes para a educação, e este julgando ser incompatível ocupar essas duas funções, renunciou ao cargo de presidente da Anfope. Compreendendo o momento, a Anfope segue seu estatuto e eu assumi a presidência da entidade.

¹³ O Pará optou por uma comissão Estadual, organizada pela representação das instituições de ensino superior que possuísem a formação do educador. Naquela ocasião tínhamos três: Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade do Estado do Pará - UEPA e Universidade da Amazônia - UNAMA. Ampliamos ainda com a representação dos estudantes, através dos Centros acadêmicos. Tal estrutura se faz até hoje, sendo indicado pelos pares um coordenador geral. No momento, nesta coordenação encontra-se o Prof. Emmanuel Cunha.

¹⁴ Registro algumas contribuições na Diretoria Executiva Nacional: de 1988 a 2000 e de 2004 a 2008 como vice-presidente, em 2008 na Presidência, de 2010 a 2014 como 2ª tesoureira, e de 2014 a 2016 como 2ª secretária. Cito ainda que por várias gestões, assumi a Coordenação da Regional Norte Anfope, inclusive de 2008 a 2010 e na atual – 2018 na 2020.

¹⁵ Os princípios da Anfope estão registrados nos Documentos finais dos Encontros Nacionais publicados no site www.anfope.org.br.

O ano de 2008¹⁶ inicia com a expectativa da realização da CONEB¹⁷ - Conferência Nacional da Educação Básica – evento com a participação da sociedade, em especial dos educadores. A Anfope, enquanto entidade político-acadêmica e inserida nas lutas educacionais¹⁸, desde 2007, a convite do MEC, teve assento juntamente com outros segmentos e organizações na Comissão Nacional Organizadora da CONEB¹⁹. Vale ressaltar que a temática **A construção do sistema Nacional Articulado de Educação** harmonizava-se com o pensar anfopiano. Neste sentido, para além de assumir a representação Nacional (Prof^a Helena Lopes de Freitas e Ana Rosa Peixoto de Brito), a Anfope, por intermédio das suas Coordenações Estaduais e Distrital, em ação conjunta com os fóruns Estaduais e Municipais de Educação, também, contribuiu com as Conferências preparatórias em todos os estados da Federação nos relatórios dos eixos temáticos que subsidiaram os documentos contidos no Dossiê Final da CONEB.

Destaco a histórica contribuição da Anfope em diversos eventos, desde os anos 1980 e ao longo de sua trajetória, para o fortalecimento de propostas e das demais entidades que defendem a educação pública e a formação do educador. Neste sentido, vale ressaltar, entre outros, a participação da Anfope nas organizações e realizações das Conferências Brasileiras de Educação (CBEs- 1983 até 1991); Congressos Nacionais de Educação (CONEDs - 1996 a 2004). Em 2008, já contava com a realização de treze encontros nacionais - o XIII Enanfope havia sido realizado em nossa diretoria do biênio anterior e para 2008, já estava em pauta o XIV Enanfope.

A estrutura organizativa da Coneb possibilitou contribuições das entidades nos cinco eixos temáticos propostos para aprofundamento de estudos, debates e encaminhamentos, sendo que a Anfope teve um foco significativo no **Eixo V – Formação e Valorização Profissional**. Havia a compreensão de uma urgência em “criar uma política nacional de formação e valorização dos trabalhadores em

¹⁶ Em 2008, a Anfope já havia realizado treze encontros nacionais e já estava em pauta a realização do XIV ENAnfope.

¹⁵ Destaco como relevante a participação na CONEB, haja vista a histórica contribuição da Anfope em diversos eventos, desde os anos 1980 e ao longo de sua trajetória, para o fortalecimento de suas propostas e das demais entidades que defendem a educação pública e a formação do educador. Neste sentido, vale ressaltar, entre outros, a participação da Anfope nas organizações e realizações das Conferências Brasileiras de Educação (CBEs- 1983 até 1991); Congressos Nacionais de Educação (CONEDs - 1996 a 2004). Em 2008, já contava com a realização de treze encontros nacionais - o XIII ENAnfope havia sido realizado em nossa diretoria do biênio anterior e para 2008, já estava em pauta o XIV ENAnfope.

¹⁸ Destaco a histórica contribuição da Anfope em diversos eventos, desde os anos 1980 e ao longo de sua trajetória, contribuindo para o fortalecimento das propostas em defesa da educação pública e da formação do educador. Neste sentido, vale ressaltar, entre outros, a participação da Anfope na organização das Conferências Brasileiras de Educação (CBEs- 1983 até 1991); Congressos Nacionais de Educação (CONEDs - 1996 a 2004).

¹⁹ A etapa Nacional da CONEB ocorreu de 14 a 18 de abril de 2008 em Brasília DF, sendo que as etapas preparatórias se realizaram em todas as unidades federadas, oportunizando discussões e encaminhamentos sobre **A construção do sistema Nacional Articulado de Educação**.

educação”, com definição de estratégias para garantia de formação inicial e continuada e valorização do trabalho. Em destaque ainda a discussão sobre a concepção de que a formação do profissional da educação deveria pautar-se por uma sólida formação teórica e interdisciplinar, busca pela unidade entre teoria e prática e centralidade do trabalho como princípio educativo, na pesquisa, na vivência da gestão democrática, enfim, no compromisso social, político e ético com um projeto transformador e emancipador, que reafirmavam os princípios da base comum nacional. (BRASIL, 2009). O evento teve uma participação expressiva dos movimentos e entidades representativas de educadores e o documento final da Conferência, contempla princípios e/ou concepções construídas e encaminhadas pela Anfope e demais entidades de educadores.

Outro destaque²⁰ no período em que eu estava na presidência foi a realização do XIV Encontro Nacional da Anfope em Goiânia-Go, de 22 a 24 de novembro de 2008, precedido pelos realizados em nossas bases estaduais e regionais, que aprofundaram os debates já travados na Coneb e trouxeram a discussão, de forma bem mais contextualizada para o movimento, com a temática: *A Anfope e os Desafios de um Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação*.

O XIV Enanfope focou o debate e os encaminhamentos em torno da proposta de criação do Sistema Nacional Público de Formação dos Profissionais da Educação e os dilemas a serem enfrentados. Outra preocupação nos debates foi com a institucionalização da formação superior em cursos de graduação presenciais públicos, com os programas de educação a distância e a organização curricular. Resalto, ainda, que o encontro não deixou de considerar a concepção de Base Comum Nacional na formação dos profissionais da educação, debate que se sustenta desde 1983 e se aprofunda nos encontros sequenciados, e que foi mais uma vez reafirmado no XIV Enanfope:

“É preciso destacar, pois, que a concepção de Base Comum Nacional, construída historicamente pelos educadores, representa a ruptura com a ideia de currículo mínimo que predominou, e ainda predomina, na organização dos cursos de graduação. Ao mesmo tempo, esta concepção contribui para a definição de eixos norteadores quanto à organização do percurso de formação, reafirmando-se a necessidade de se ter o trabalho docente como referência na formação de todo e qualquer professor. Neste evento, *reafirma-se a concepção da docência, enquanto trabalho pedagógico e base da identidade de todo educador* sendo que a Base Comum Nacional constitui-se em um conjunto de eixos norteadores da organização curricular, entendidos como princípios orientadores das condições de formação que deveriam estar presentes nos processos formativos, propiciando uma

17 Registro como destaque considerando que cada evento nacional realizado pela Anfope representa um caminhar, uma renovação e/ou reafirmação dos princípios definidos e das lutas anfopeanas.

reflexão permanente pelos estudantes e educadores, no âmbito da formação inicial e formação continuada (ANFOPE, 2008, p. 84).

Outro ponto relevante no evento foi a *reafirmação da estrutura organizativa da Anfope e sua importância nas contribuições das atividades desenvolvidas na base do movimento, através das Comissões Estaduais e Coordenações Regionais*. Nesse momento, reafirmou-se a responsabilidade em fortalecer e divulgar os princípios anfopianos, articulando-se aos profissionais da Educação Superior e da Educação Básica, no sentido de examinar e discutir de forma crítica as propostas encaminhadas no encontro.

A Anfope, de dois em dois anos, isto é, a cada ENAnfope, organiza uma nova eleição para mudanças na Diretoria. Registro tal prática como importante, por entender que a alternância nas direções faz-se necessária para as entidades e seus afiliados, para incentivar o assumir de novos quadros, novas lideranças, ampliar o movimento, enfim precisamos nos Estados, nas Regiões e/ou Nacionalmente, participar de alguma maneira das discussões/reflexões em nossos espaços de trabalhos, enquanto profissionais, para que possamos, além do referencial acadêmico, nos organizar de forma estruturada para a luta em favor de princípios que nos unifiquem em favor de políticas para a educação e de formação do educador. Assim, com muita satisfação após concluído o processo eleitoral, no dia 24.11.08 passamos a presidência da Anfope para a professora Prof^a Iria Brzezinski²¹, com a certeza de ter tido um ganho político e acadêmico que viriam a ser incorporados à minha vida pessoal e profissional de modo inalienável.

Importante ressaltar neste fio condutor anfopiano, não apenas um ano na presidência e sim as relações de diversas nuances que permanecem em nossas gratas lembranças e que por vezes, são sustentáculos mútuos nos momentos melancólicos e de desalento que por vezes vivenciamos nos embates políticos pertinentes ao movimento como também em nossa própria vida enquanto pessoa humana. Com ambas companheiras, Helena de Freitas com quem partilhei muitos anos de Diretoria e Iria Brzezinski, que nos sucedeu na presidência da nova Diretoria, dividi muitos momentos de lutas em favor da educação. As duas são pessoas/profissionais com as quais construí igualmente relações de confiança e amizade, onde os espaços de nossas residências e o convívio com nossos familiares, também, funcionaram e funcionam como espaço de acolhimento em nossas incontáveis paragens quando das idas e vindas aos eventos articulados com ou pela Anfope. Existem muitos outros companheiros a referenciar, mas neste contexto, cito o Prof^o Luís Dourado, que é um dos exemplos de quem vem desde a

¹⁸ Sócia fundadora da Anfope, fazendo parte desde o Comitê Pró-Formação do Educador, participou de sua transformação em Conarcfe e da criação da Anfope. Mantém-se na liderança do movimento anfopiano, assumindo por várias gestões a Diretoria Executiva, inclusive a presidência.

mobilização estudantil, integrado a Anfope em seus primórdios, contribuindo com representações e intervenções para a amplitude acadêmica e política do movimento e também na partilha de vida que acontece de forma concomitante em qualquer espaço que se discuta política para a educação. Nos espaços Belém – Goiânia e Goiânia – Belém, também se afirma história de vida e quando a reafirmamos, tecemos mais uma teia nas relações de amizade, ampliadas com muita satisfação nos encontros festivos em convívio com familiares e amigos que marcam para sempre.

Por que entendo que a Anfope tem importância especial na minha vida e de outros educadores brasileiros.

Esta é a indagação mais difícil de detalhar na escrita. Entretanto é a que tem maior facilidade de ser demonstrada na prática, na militância, no compromisso, pela crença nos princípios defendidos pela ANFOPE. Isso transparece em todo processo, de uma história vivenciada na luta, onde o “embate acadêmico” e o “ideário político” se entrecruzam no sentido de contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação dos profissionais da educação. Projeto esse que contempla, de forma indissociável, a formação inicial e continuada, condições de trabalho dignas, carreira e salário justo como condições da melhoria da qualidade social, dignificando a educação e seus profissionais.

Ressalto nesse processo, vivido e agora rememorado, meu posicionamento, ainda “adolescente”, não apenas com o “sonhar” em “ser” professora, mas, precipuamente, com o “fazer”. Como já mencionei, escolhi a educação desde o meu despertar para a vida: cursei a formação pedagógica (médica e superior), assumi o trabalho docente e me envolvi com grupos de estudos, pesquisas e, mais ainda, a militância acadêmica e sindical²², ao mesmo tempo em que se apresentaram como opção profissional, foram acolhidas e passaram a fazer parte de mim. Tais vivências e estudos favoreceram e favorecem a reflexão de que o fazer do profissional educador vai muito além de uma sala de aula, pois deve ser ampliado com a nossa integração e interação em nossas entidades de classe e/ou representativas das categorias em todos os níveis de ensino. Entendo que as entidades são espaços de estudos, discussões, reflexões e encaminhamentos das lutas pela formação e por direitos sociais dos trabalhadores em educação, resguardando seu valor enquanto profissionais tão relegados hoje, diante das políticas de desvalorização, que tentam impor projetos que ameaçam sua

²² Na Adufpa (Associação de Docentes da Universidade Federal do Pará), como associada, militante e integrante do Grupo de Trabalho de Políticas Educacionais – GTPE, espaço também de inserção e representação nas lutas Anfopeanas e, também, na CNTE.

formação com qualidade socialmente referenciada, princípio defendido pela Anfope.

No entanto, falar da importância especial da Anfope para mim, sem fazer referência aos demais movimentos e entidades de educadores, onde militei e vivenciei as bases organizativas de construção de momentos das nossas lutas em tempo de opressão, seria no mínimo incorreto e inconsistente. Esses movimentos fazem parte da minha história de vida pessoal e profissional, influenciando diretamente na trajetória acadêmica e representando ainda os primeiros campos de embates profissionais e das reflexões necessárias para um “novo tempo”. Assim, conforme já aponte, minha trajetória na Anfope inicia mesmo antes de sua criação.

Retomo também que a Anfope, tem seu “nascidouro” na efervescência do final dos anos 70 e início dos anos 80, quando clamávamos pelo retorno à democracia brasileira após o golpe militar de 1964. Nesse contexto começavam as discussões sobre os cursos de formação do educador, que a época ganhavam força no MEC. Entretanto, a reconfiguração do debate, se deve a corajosa ação dos bravos professores que ao criarem, à revelia do MEC, uma nova Comissão, a Conarfe, atribuem ao coletivo de educadores o protagonismo da proposição. Assim, cunharam de fato, a “pedra fundamental” da Anfope, entidade que se constrói e se afirma na luta coletiva, participativa e cotidiana pela formação e valorização dos profissionais de educação.

Entendo que a importância da Anfope em minha vida, está articulada diretamente à minha opção plena pela educação, às preocupações com o fazer pedagógico e em decorrência, com a formação e militância enquanto profissional da educação. Nessa trajetória sempre estive em busca de novos conhecimentos articulados às permanentes demandas dos desafios travados diuturnamente. Esse movimento formativo e reflexivo permanece ainda hoje, e torna-se cada vez mais necessário, diante do cenário de retrocesso atual. O atual governo diariamente nos “surpreende” com Decretos, Resoluções, Portarias e outros mecanismos que aviltam as políticas educacionais, acarretando prejuízo para a formação do educador, desqualificando o ensino público, em favor do mercantilismo educacional que se amplia nacionalmente. Precisamos estar sempre em alerta, a luta não cessa! Nesse sentido a Anfope me fortalece, assim como a muitos educadores brasileiros.

Para viver ANFOPE, torna-se imprescindível, além da busca sistemática pelo referencial de conhecimento, também consubstanciado em seus documentos, assumir, desde a base do movimento nas agências formadoras, os embates ideológicos possibilitados pela inserção no movimento, nas coordenações estaduais e regionais, com princípios fundamentados no ideário anfopiano que se

encaminha enquanto contribuição para a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos de formação do educador.

Quanto à importância para outros educadores, a Anfope é um espaço aberto para quem queira se associar, participar de seus eventos em todo Brasil e ainda consultar suas produções/publicações. O movimento também defende e assume, em sua trajetória, a interação com outras entidades acadêmicas, como as historicamente articuladas com a Anfope, desde os anos 1990, que é o caso de Cedes, Anped, Forumdir e Anpae²³, e mais recentemente com o Forparfor²⁴, entre outras entidades que atualmente compõem o FNPE²⁵, sem esquecermos das entidades sindicais como o Cnte²⁶ e também das organizações estudantis entre outras entidades que atualmente compõem o FNPE, se unem para o fortalecimento das lutas comuns, emitindo manifestos, notas públicas, cartas abertas, encontros conjuntos e outros mecanismos que se façam imperiosos para a luta em prol da Educação Pública e de seus trabalhadores. Tal constatação se faz também, desde sua organização inicial, na busca de apoio junto as instituições de ensino superior, na articulação e participação com os Fóruns Municipais, Estaduais, Distrital e Nacionais de Educação e nos eventos que se realizam nas unidades federadas ou nacionalmente.

Por meio dessas atuações, a Anfope acaba influenciando, em alguma medida, a formação dos educadores brasileiros, pois se propõe a expor bases teóricas e conceituais no embate político, fundamentada em princípios construídos social e teoricamente, mas sempre de forma coletiva e democrática. Algumas dessas bases e fundamentos acabaram por ser incorporadas nas orientações oficiais brasileiras para a formação do educador, como é o caso da Resolução CNE 02/2015. Assim, consideramos que a Anfope influencia diretamente à formação de milhares de professores e, indiretamente, de milhões de alunos cujas formações estarão sujeitas a ações docentes pautadas em novos paradigmas de ensino e aprendizagem.

²³ ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação, ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade e FORUMDIR – Fórum Nacional de Diretores de Faculdades/Centros/Departamentos de Educação ou equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras, que compunham com a ANFOPE, o conjunto de cinco entidades nacionais do campo educacional, consideradas históricas.

²⁴ FORPARFOR – Fórum Nacional de Coordenadores Institucionais do Parfor, de organização mais recente e que junto com o FORPIBID RP, mais recentemente tem se articulado com a Anfope em defesa da formação de professores.

²⁵ Fórum Nacional Popular de Educação, criado em 2016, após a descaracterização do FNE – Fórum Nacional de Educação pelo governo Temer, atualmente é composto por 35 entidades.

²⁶ CNTE– Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

Considerações adicionais

A Anfope resguarda, em quase quatro décadas, histórias não registradas em seus anais, mas que sustentam e eternizam momentos que ficaram com diversas matizes, gravados em nossa memória, na história de vida de cada um de nós que acreditou e ajudou a construir o movimento anfopeano. Desta forma, me refiro ao que está submerso, ao que já aconteceu e acontece a cada forma de manifestação que nos dispusermos a fazer acontecer. Enquanto educadores, sermos filiados ou alinhados à Anfope, é apenas uma de nossas ações, pois temos inúmeros outros “chamados”, ou outras demandas e responsabilidades em nossas vidas pessoais e profissionais.

Ao trabalhar este texto, por inúmeras vezes me deparei fazendo analogias e correlações com pessoas que fizeram e fazem parte de cada momento deste processo de vida. Me coloquei em situações vividas nos espaços de trabalho e foram tantos os espaços e tempos percorridos com a realização dos eventos de maiores ou menores dimensões e interações com outras representações sociais. Entretanto, de fato temos algo que nos ocupa e por vezes nos preocupa e que é um balizador de nossas disponibilidades - a família, por vezes até ampliada temporariamente pelos amigos e parceiros do movimento, em outras vezes, clama pela nossa atenção, são nossos pais, filhos, netos, tios e sobrinhos que acompanham nossa dedicação ao movimento e que de outra forma, podem aprender junto conosco de tanto nos ouvir falar e ver-nos trabalhar sem hora determinada. O que dizer dos maridos, esposas ou companheiros de vida? Se eles compreendem e apoiam nossa dedicação, “tudo bem”, mas se ocorre o contrário, as relações passam a demandar muita atenção. No momento, aproveito para louvar os bravos companheiros de vida e de luta, no caso anfopeana, que nos acompanham no movimento, apoiam, partilham e chegam aos eventos com determinação e alegria, cuidando não apenas da esposa, – por que não é demais afirmar que assim como o magistério brasileiro é predominantemente feminino, assim também o é a Anfope, – mas interagindo, partilhando, ampliando esta dinâmica saudável de vida que a Anfope também chega a proporcionar.

Ao optar por um texto livre de cunho narrativo *na visão de quem teve as vidas pessoal e acadêmica entrelaçadas à trajetória da Anfope*, sou impelida a socializar um pouco deste muito de vida, balizada através deste fio condutor. Desta feita, reporto-me a Anfope-PA, em seu início de organização na Universidade Federal do Pará - Ufpa, que teve como incentivadora a Profª. Cândida M. Fortes, ex-diretora do Centro de Educação da Ufpa, em articulação com Universidade do Estado do Pará - Uepa e a Universidade da Amazônia - Unama. Foi a partir dessa iniciativa que outros educadores foram aliando-se nesta luta que somou esforços com o Fórum Paraense Educação. Para situar este

entrelaçamento de vida trazido pela Anfope, faço referência a dois profissionais anfopianos: a Profª Maria Terezinha Carvalho *in memoriam* e ao Profº Emmanuel Ribeiro Cunha, representante inicialmente da Uepa no grupo de Coordenação Estadual Anfope, mas que posteriormente assume representações nos Fóruns de Educação Estadual e Municipal de Educação e no Forprof/PA – enfim, fizemos e ainda fazemos uma dupla. A dinâmica é intensa, coordenação de eventos, partilha de representações nos espaços acadêmicos e sindicais, mobilizações, estudos, montagem de palestras, enfim vidas profissionais que nesta articulação anfopiana adentra nossos lares, nossas famílias e fortalecem amizades. Difícil pensar em Anfope-PA sem relacionar ao amigo Profº Emmanuel.

Compreendendo o movimento Anfopeano, enquanto uma tessitura, feito fios condutores de vida, onde os princípios e a força da Anfope conduzem para uma ampliação dos espaços de luta, faço referência ao contexto da última década, especialmente a partir de novembro de 2009 quando da organização do FORPROF-PA²⁷ Esse processo reafirma a ampliação do movimento por um fio condutor que vai se entrelaçando no tear da história, este momento teve culminância na II Conae, Conferência Nacional de Educação – MEC em 2014. Politicamente, grande participação do Parfor PA e da Anfope: submetemos enquanto Anfope, para apreciação do evento, os resultados de um projeto sobre Uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação de professores no Estado do Pará²⁸. O trabalho foi aceito, fizemos sua apresentação com o apoio do coordenador Parfor-PA. Este trabalho, devido sua importância no Parfor, resultou ainda em Seminário local e posteriormente em texto acadêmico já publicado²⁹

Seguindo a tessitura, retomo a questão - *Família, referida no caso*, como facilitadora das relações por ideais, compromisso, partilha, profissionalismo e determinação na luta pela educação. Assim evidencio que Licurgo Peixoto de

²⁷ Organização coordenada pelo Prof. Licurgo Peixoto de Brito, doutor em Geofísica e professor titular da Universidade Federal do Pará, com formação e prática docente em nível de graduação e pós-graduação em Educação em Ciências, cedido para a Secretaria de Estado de Educação para exercer a Coordenação Estadual do Parfor no Pará, desde julho de 2009, vindo posteriormente a exercer a função de Secretário Adjunto de Ensino na Seduc-PA.

²⁸ Projeto desenvolvido com os professores do Parfor-PA, publicado posteriormente em: Coletânea de Propostas Pedagógicas com uso de Tecnologias de Informação e Comunicação-TIC, são 16 projetos com experiências exitosas de aprendizagens mediadas pelas TIC, envolvendo Educação Física, Música, Matemática, Geografia e Língua Portuguesa, Física, além de estratégias e recursos que podem ser utilizados em Pedagogia, Computação e Educação do Campo.

²⁹ BRITO, A. R. P.; VELOSO, O.; BRITO, L. P. A Formação inicial de professores pelo Parfor-PA: tecnologias de informação e comunicação em evidência. In: ABDALLA, MA. F. B MARTINS, M.A.R. (Orgs.). Formação de professores, gestão e identidade profissional: implicações do Parfor, Santos, SP, Editora Universitária, Leopoldianum, 2017, p. 42-60

Brito é sim meu irmão e que pelo fio condutor anfopiano, nos encontramos de forma por nós imprevisível, envolto pela dinâmica do movimento.

Anfopeanos e anfopeanas, quem de nós, especialmente os/as chamados/as carinhosamente de “jurássicas/os”, não possui na memória uma relação de estudos, embates, mobilizações, interações de vidas que se entrecruzam na dinâmica do movimento? Todos vamos traçando nossa história, ao compreendermos a Anfope e seus princípios, passamos a defender onde estivermos uma concepção de formação, construída pelos próprios educadores em interação com o fazer pedagógico, amparado em pesquisas, estudos, com referencial epistemológico que sustenta e norteia os princípios anfopeanos quanto a proposta para os cursos de formação dos profissionais da educação.

Muitos educadores se alinham, combatem ou desconhecem a essência dos princípios defendidos pela Anfope, normal em uma sociedade democrática, – entretanto o que faz valer a luta é sua sobrevivência enquanto movimento. Movimento que tem sua origem no assumir a formação do educador numa perspectiva de produção coletiva do conhecimento e de forma dinâmica, consubstanciada a cada Enanfope. O grande desafio político é conseguir acompanhar e enfrentar medidas impostas pelos governos para adequar a educação aos ditames de seus planos que mercantilizam e desqualificam o ensino público e a formação do educador.

Este construto histórico anfopiano, pode ser “assinado” por vários educadores, cada um com sua experiência, com sua forma de contribuir. Estou correndo um grande risco, em fazer algumas citações, já me desculpando com tantos outros companheiros e companheiras, ainda militantes, que igualmente merecem registros. Mas, como não fazer referência a Prof^a. Márcia Ângela Aguiar, sócia fundadora da Anfope desde a Conarcfe em 1983, sendo a primeira coordenadora. Participou em eventos de Orientadores e Supervisores Educacionais na busca de entendimentos visando unidade em torno da Formação do Educador, (aí nos encontramos), ex-presidente também da Anfope, membro do Conselho Nacional de Educação – CNE, sem desvincular-se de seu compromisso com o movimento de educadores, com a Anfope. A companheira Bertha de Borja, militante e parceira de lutas desde o início dos anos 80 na Supervisão Educacional, passando pela FENASE e CNTE e até hoje, juntas na Anfope. A companheira Rita de Cássia Porto, ou seja, Rita Anfope, como é conhecida na Paraíba que ao chegar no movimento anfopeano, no limiar dos anos 90, o abraçou e a partir daí, contamos muitas histórias de Belém - João Pessoa - Belém e pelo Brasil, partilhando estudos, alinhando e/ou construindo idéias em prol do movimento ou mesmo, confidenciando questões desafiadoras da vida por vezes, nas longas noites de hotéis.

Mais um registro histórico, além dos já mencionados e que contribuíram e contribuem com a Anfope, Nilda Alves, Antonio C. Ronca, Leda Scheibe, Lucília Augusta de Paula (nossa atual brava presidente), Maria de Fátima Abdalla, Kátia Curado, Ivone Barbosa, Vera Bazzo, Celi Taffarel, Suzane Gonçalves, Denise, Marcelo, Deise, Gisele, Antonia Bussmann, Sônia Ogiba, Raquel Rodrigues, e tantos mais que peço: ao fazerem esta leitura se projetem nesta relação anfopeana, pois se você é parte, não se sintam fora. Considerando igualmente os Coordenadores Estaduais e Regionais que tem uma função política importantíssima na sustentação do movimento.

Ao fazer esta reflexão da vida que a Anfope nos traz, voltei no tempo incontáveis vezes, revi amigos, textos produzidos, palestras, mesas de debates, coordenação de eventos, reuniões da anfope e também com muitas outras entidades, cidades por onde andei e igualmente revi meus alunos ao longo desta trajetória inacabada. Entendo que consegui somar o movimento à minha vida profissional, dentro e fora das salas de aulas. No início deste texto, usei esta expressão, *quem quiz entendeu e aprendeu muito bem*, e hoje sinto-me honrada em partilhar grandes debates com alunos pós-graduados que envolvidos com a academia e com os movimentos sociais e sindicais em prol da educação e da formação do educador, injetam ânimo para a continuidade da luta. Luta efetivada nestes mais de 50 anos de trabalho com a docência, com a formação. Alguns alunos até dizem “Professora, a senhora é a cara da Anfope”, penso “*Que responsabilidade*”. Tais observações, ainda nos dão forças para seguir nesta luta desigual dentro da sociedade regida pela força do capital internacional.

A interação com eminentes anfopeanos e o conhecer dos princípios que sustentam o movimento formaram um tecido bem mais nobre quanto as relações profissionais, somadas às pessoais e familiares na dinâmica social que nos dá segurança afirmar: *A ANFOPE É VIDA!*

Referências

CONARCFE. *Documento Final do I Encontro Nacional*. Belo Horizonte, CONARCFE, 1983. Disponível em <http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/1%C2%BA-Encontro-Documento-Final-1983.pdf> Acesso em 07 de maio de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Documento Final da Conferência Nacional de Educação Básica*. CONEB. Brasília MEC/SEA – 2008.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 252/ 1969. Estudos pedagógicos superiores. Mínimos de conteúdos e duração para o curso de graduação em pedagogia. Relator Valmir Chagas. **Documenta**, Brasília, n. 100, p. 101-179, 1969.

Recebido em: 23 jun. 2019.
Aprovado em: 29 jun. 2019.

* Ex-presidente da Anfope (2008) e membro da Diretoria executiva, Coordenadora Regional Norte e integrante da Comissão Estadual – Pará, em várias gestões. Representante da ANFOPE em Fóruns Estaduais e Municipais referentes a Educação. Professora aposentada da Universidade Federal do Pará.

E-mail: arosapbrito@gmail.com